

NOTAS SOBRE O PERSPECTIVISMO EM NIETZSCHE

*Jairo de Souza Rocha*¹

RESUMO:

O trabalho apresenta alguns aspectos da noção de perspectivismo no pensamento de F. Nietzsche com ênfase em seu caráter antiessencialista caracterizado pela refutação da noção de coisa em si e pela afirmação do interpretacionismo plural e dinamicamente relacional de toda configuração de realidade; pelos questionamentos da verdade como correspondência e de uma teoria do conhecimento que estabelece uma relação estanque e dual entre sujeito e objeto.

Palavras-chave: Perspectivismo. Nietzsche. Vontade de poder.

ABSTRACT:

This paper presents some aspects of Nietzsche's concept of perspectivism emphasizing his anti-essentialism which is characterized by the refutation of the notion of thing itself as well as by the affirmation of the plural and dynamic related-interpretationism in all configuration of reality; by the criticism of truth as correspondence and of a theory of knowledge which establishes a dual and fixed relation between subject and object.

Key-words: Perspectivism. Nietzsche. Will to power.

I.

A relevância do pensamento perspectivista em Nietzsche afirma-se como uma formulação crítica a todo essencialismo metafísico e pela suspeita da legitimidade da concepção da verdade enquanto adequação ou correspondência entre 'intelecto e coisa' ou 'vice versa', seja sob a sua versão realista ou idealista. O realismo compreende o real de modo substantivado, subsistente, autônomo e pré-constituído, sobre o qual só posteriormente repousaria a consciência interpretativa como um simples espelhamento; já para o idealismo, o real se expressa e coincide identitariamente com o conteúdo mental de um sujeito e vige a partir de uma pura interioridade, de um eu, da atividade intelectual de uma consciência.²

Em primeiro lugar, para o perspectivismo nietzschiano, o modo de experienciar e configurar o real vincula originariamente intérprete e 'coisa interpretada' em uma relação

¹ Mestre em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

² Aqui compreendemos o realismo e o idealismo no sentido genérico formulado por Johannes Hessen. Para ele, "por realismo entendemos o ponto de vista epistemológico segundo o qual existem coisas reais independentes da consciência"; e idealismo como antítese do realismo, ou seja, como a concepção segundo a qual não há coisas reais independentes da consciência. Cf. HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**, pp. 73 e 81.

dinâmica. Nesse horizonte, toda proposição ou juízo sobre o real não é entendido como resultado de um movimento de adequação ou correspondência entre ‘intelecto e coisa’ ou ‘vice e versa’, como se o homem e o mundo fossem ‘esferas’ apartadas, autônomas e pré-existentes, considerando o pólo sujeito (como uma unidade acabada) ou o real objetivo (também já constituído).³ Desde cedo para o jovem Nietzsche, todo juízo (conceito) que pretenda reivindicar uma concordância entre palavra e coisa é uma falsificação, uma metáfora, uma redução do idêntico ao não-idêntico.⁴ A impossibilidade de um isomorfismo entre linguagem e mundo decorre do caráter deveniente de todo real, inapreensível, enquanto experiência, em seu fluxo intermitente. Neste sentido, a linguagem não é senão resultado de um artifício cujo papel consiste em produzir, para fins utilitários, uma rede de signos comunicacionais capaz de permitir uma relativa estabilidade social para o conjunto da espécie humana.

A verdade é uma “multiplicidade incessante de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, em síntese, uma soma de relações humanas que foram poética e retóricamente elevadas, transpostas, ornamentadas, e que, após um longo uso, parecem a um povo firmes, regulares e constrangedoras: as verdades são ilusões cuja origem está esquecida, metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível (...).”⁵

Pela linguagem e pelo conceito nunca se alcança a identidade das coisas ou o que elas sejam em si. Aqui, já nos seus primeiros escritos, antes portanto de sua formulação do perspectivismo ligado às noções de interpretação e de vontade de poder, é clara a distância de Nietzsche da metafísica tradicional na medida em que ele compreende a verdade como uma produção humana, uma invenção.⁶ Em *Verdade e Mentira*, Nietzsche já nos faz pensar na incomensurabilidade e na impossibilidade de exatidão frente àquele caráter deveniente de todo o real e à pluralidade de perspectivas, pois o homem, soberbo e centrado em si mesmo, no uso de seu intelecto, custa a aceitar que outros seres percebam o mundo diferentemente dele. Mas se quisermos averiguar qual das percepções é a mais exata, se a nossa ou da mosca, desejaríamos o absurdo: pois não há como avaliar; não há uma medida que esteja acima das próprias percepções e perspectivas.

³ NIETZSCHE, F. **A Vontade de Poder** (474), p. 256. Para uma mais completa compreensão da verdade como correspondência segundo a tradição metafísica sugerimos a leitura do ensaio de Heidegger “*De l’essence de la vérité*”, in **Questions I e II**, pp.159-168.

⁴ NIETZSCHE, F. *Introdução Teorética sobre Verdade e a Mentira no Sentido Extramoral*, in: **O Livro do Filósofo**, p. 68.

⁵ *Ibid.*, p. 69.

⁶ *Ibid.*, p. 69.

“(…) Ele é humano, e somente seu possuidor e genitor [do intelecto] o toma tão pateticamente, como se os gonzo do mundo girassem nele. Mas se pudéssemos entender-nos com a mosca, perceberíamos então que também ela boia no ar com esse *pathos* e sente em si o centro voante deste mundo.”⁷

II.

A compreensão perspectivista, como formulação do modo de vivenciar a realidade, repudia uma tradição, a Metafísica, cuja característica primordial consistiu em cindir o real em essência e aparência, e em instituir e apartar, com a modernidade, sujeito e objeto, criando como derivação deste movimento de cisão uma teoria do conhecimento. Para a noção perspectivista da realidade tais bifurcações inexistem; para ela, conhecer ‘é crescer junto’,⁸ pois o modo de realização ou configuração de tudo que há, ou seja, toda configuração cognitiva do real se dá sempre graças e através de uma relação interpretativa, na qual sujeito e objeto só são possíveis de serem pensados ou vivenciados articuladamente e a partir da relação ou acontecimento que os constitui na vigência de um processo existencial, temporal. Desse modo, tal acontecimento, em sua gênese incessante, só é possível de se dar pela conexão entre homem e mundo.⁹ É por esta razão que Nietzsche entenderá que todo acontecimento (cognitivo, antropológico) enquanto tal irrompe desde a origem determinado por um elemento interpretativo, refutando toda a possibilidade de existência de um acontecimento em si isolado de um caráter interpretativo. Portanto, as coisas e a própria percepção de si são configuradas segundo o modo em que são apreendidas perspectivamente, “pois nessa análise [mesmo] o intelecto humano não pode deixar de ver a si mesmo sob suas formas perspectivas e *apenas* nelas”¹⁰

Assim, não há nas ‘coisas’ uma essência incondicionada, à medida que toda ‘coisa’ pode assumir uma multiplicidade de modos ou aspectos segundo os também múltiplos modos de aparição-apropriação-criação do interesse ou perspectiva existencial da interpretação. Convém ressaltar que, para Nietzsche, a realidade está em devir, nada é fixo, tudo ganha uma forma provisória e concorre com outras formas possíveis, em um processo de embate

⁷ NIETZSCHE. F. *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, in **Obras Incompletas**, col. Os Pensadores, p. 46.

⁸ “ (...) ‘Con-crescer’ evoca, portanto, a dinâmica de *participar* do processo, do jogo da coisa fazer-se coisa, à medida que ela insiste e persiste na sua própria força (perspectiva, interesse) instauradora. “Con-crescer”, enquanto tal participação, é como um co-fazer de essência – co-fazer o fazer-se da coisa e, assim, crescer junto com ela; con-crescer, pois.” FOGEL, Gilvan **Conhecer é Criar**, p. 42.

⁹ “(...) já rimos, ao ver “homem e mundo” colocados um ao lado do outro, separados tão-só pela sublime presunção da palavrinha “e”. NIETZSCHE. F., **Gaia Ciência**, (346), p. 239.

¹⁰ *Ibid.* (374), p. 278.

incessante de forças também mutáveis. A interpretação não é senão uma configuração da vigência destas forças em relação com outras dinamicamente produtoras de todo possível acontecimento. A partir disso, não se deve concluir que seja o sujeito uma unidade imutável e autônoma, a causa da interpretação, pois o próprio sujeito é constituído pelas relações resultantes da luta entre forças que disputam de modo constituinte todo e qualquer existente. “Estabelecer uma espécie de perspectiva no ver, por sua vez, como *causa do próprio ver*: esse foi o passe de mágica na invenção do ‘sujeito’, do ‘eu’!”¹¹

Assim, toda estabilidade interpretativa, sempre provisória, é resultado de uma conformação específica da multiplicidade operante das forças conformadoras do real, que constituem o modo de ser da realidade e em que estão em jogo nossos sentimentos, humores, pulsões, afetos, injunções históricas, lingüísticas e fisiológicas. Por esta razão, a interpretação corresponde à própria dinâmica de realização do real, que não é senão a configuração de forças “vencedora” que cria e imprime ao devir um sentido ou uma forma provisória a partir de sua própria dinâmica autógena, geradora de múltiplas configurações.¹² Neste aspecto, pode-se afirmar que a verdade depende da interpretação e não o inverso, pois é esta que precedentemente cria sentido e valor onde, essencialmente, para fora de toda relação, não há sentido algum como tampouco um valor em si, mas, à diferença da verdade, a interpretação não requer para si uma perenidade nem reivindica uma condição de fundamento transcendendo as vicissitudes devenientes e constituintes do real, sempre aberto à diversidade de perspectivas.

Uma “coisa em si” é tão absurda quanto um “sentido em si”, um “significado em si”. Não há nenhum “fato em si”, mas antes *um sentido há sempre de ser primeiramente intrometido para que um fato possa haver*. O que “o que é isso ?” é um *estabelecimento de sentido* visto a partir de algo outro. A “*essência*” [Essenz], a “*essencialidade*” [Wesenheit], é algo de perspectivo e já pressupõe uma

¹¹ NIETZSCHE. F. **A Vontade de Poder**, (548), p. 284. Em inúmeras passagens Nietzsche procura enfatizar o caráter epigonal da consciência [Cf. *Gaia Ciência*, aforismos, entre outros. 11, 333, 354, 374] e a falsa idéia de unidade do sujeito como agente causador do acontecimento. Neste último aspecto, por exemplo: “ Pergunta: a intenção é causa de um acontecer? Ou isso é também ilusão? Não é ela o acontecer mesmo? **Vontade de Poder**, (550), p. 284/285. Para Nietzsche “a vontade como faculdade consciente não é nem uma unidade, nem um termo primeiro. Ela é pluralidade, complexidade e derivação. O que nós chamamos ‘vontade’ não é senão um sintoma e não a causa. (...) a metafísica da vontade [no sentido psicologizante] estabelece falsamente uma origem única na realidade e no indivíduo em considerando a vontade como um *centro* ou como um *fundamento* do ente. Ora, não há nem centro nem fundamento.” HAAR, MICHEL. **Nietzsche et la métaphysique**, p. 25. A tradução é nossa.

¹² Como bem assinala Müller-Lauter: “[A vontade de poder é a multiplicidade das forças em combate umas com as outras. Também *da* força, no sentido de Nietzsche, só podemos falar em unidade no sentido de organização. Com efeito, o mundo é uma firme, brônzea grandeza de força, ele forma “um *quantum* de força.” Com razão, observa G. Deleuze: “Toda força está ... em uma relação essencial com uma outra força. O ser da força é plural; seria um absurdo pensar a força no singular.” Apud, Müller-Lauter] A tradução é nossa. Cf. MÜLLER-LAUTER, W. **A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche**, p.74.

multiplicidade. No fundo, jaz sempre “o que é isso para mim?” (para todos nós, para tudo que vive, etc...) (...)Não cabe perguntar: “quem interpreta” ?, mas sim se o interpretar mesmo tem existência (mas não como um “ser”: como um *processo*, um *dever*) como uma forma de vontade de poder, como um afeto.¹³

Com estas palavras fica patente a refutação tanto do realismo objetivista quanto do subjetivismo idealista, pois ‘não cabe perguntar: “quem interpreta”, mas sim se o interpretar mesmo tem existência (mas não como um “ser”: como um processo, um dever) como uma forma de vontade de poder, como um afeto’. Aqui Nietzsche busca enfraquecer a autonomia do subjetivismo voluntarista próprio ao idealismo bem como a idéia de que as coisas possuam uma essência incondicionada e atemporal, uma natureza em si isolada de nossas perspectivas, pois a mesma citação indica que a “essência” de tudo que há é algo de perspectivo, pressupondo uma multiplicidade que é reunida em uma unidade relativa, cujo sentido é configurado pela intermediação de um sujeito, sem o qual não pode haver sentido algum. Desse modo, ele não nega o homem como elemento participante do processo interpretativo, mas retira-lhe o caráter subjetivo de ser o agente voluntarista da interpretação, pois o próprio “sujeito” não é senão um processo, cuja designação é uma tentativa (falsificadora) de expressar e encerrar, pela palavra, uma unidade fictícia, incluindo-se a dele, do sujeito, pois “a unidade da palavra não garante a unidade da coisa.”¹⁴ Em outras termos, embora todo estabelecimento de sentido é algo visto a partir de alguém, sempre intrometido no processo de configuração de realidade, o sujeito não antecede, como pólo determinativo unitário, ao próprio processo interpretativo ou perspectivo, pois ele é mesmo o seu resultado, ou melhor, ele vem a ser o que é a partir do movimento interpretativo.

III.

A fim de mostrar o caráter plástico de todo real e o aspecto ‘construtivista’ de toda perspectiva, Gilvan Fogel pergunta-se a respeito da pertinência em se admitir a essencialidade de uma laranja.¹⁵ Ele nos mostra que ela (coisa-laranja) pode ser percebida antes em sua ‘inessencialidade’, a partir de uma variedade infinita de sentidos de acordo com o modo em que se dá sua apreensão, que é de todo relacional e processual: para um geneticista, ela (a laranja) aparece de um modo (como objeto de saber científico), para uma criança, que faz dela

¹³ NIETZSCHE. F. **A Vontade de Poder**, (556), p. 290-1.

¹⁴ NIETZSCHE.F. **Humano Demasiadamente Humano**, 14, p. 24.

¹⁵ FOGEL.G. **Conhecer é Criar**, p. 19/20.

uma bola para jogar (uma brincadeira), para um artista, que a imprime um valor artístico (uma obra de arte), etc. Assim, o que o interpretacionismo de Nietzsche busca enaltecer é a pluralidade dos modos de relacionamento fático, que resulta na impossibilidade de encerrar a verdade como uma modalidade unívoca de consonância com todo o existente, pois:

“da afirmação, segundo a qual há tantos modos de conhecer quanto os de ser (isto é, de afecções, de experiências, de ‘verbos’), decorre que o conhecimento conceitual-representacional, identificado com o conhecimento, é *um e apenas um* modo possível de conhecer.¹⁶

O interessante a ressaltar, no exemplo citado da laranja, é o fato de que não apenas a laranja assume uma multiplicidade de sentidos (que é o *como* sempre plural dela aparecer na apropriação) como também institui e ressalta uma qualidade àquele (o *quem*) que com ela se relaciona, ‘o sujeito’, pois, pela perspectiva, dá-se também o geneticista, a criança, o jogador, o artista, cada qual investido ou transpassado por uma pré-ocupação, por um interesse, um *páthos*, uma ‘perspectiva’. Nisto se vê que é a própria perspectiva (a relação interessada) que inaugura níveis de vínculo que instituem realidade e consistência relativas tanto ao pretense ‘sujeito’ quanto à pretensa ‘coisa’ que ela relaciona. Disso se deduz que não há fixidez ontológica, ou epistemológica, seja em se considerando o ‘sujeito’ ou a ‘coisa’, pois ambos não se encontram já dados *a priori* ou autonomamente cindidos ‘lado a lado’ ou ‘frente a frente’, mas vêm a ser o que são a partir da própria efetividade perspectivística, e que não há sujeito¹⁷ nem coisa separadas um do outro, mas sempre ligados e circunscritos por uma afecção, que é o modo pelo qual as coisas ganham sentido, valor, consistência, realidade. Disso resulta a crítica de Nietzsche à teoria do conhecimento: “(...) No lugar da “teoria do conhecimento”, um *doutrina das perspectivas dos afetos* (à qual pertence uma hierarquia dos afetos).”¹⁸

Desse modo, na multiplicidade dos possíveis modos de ser do real, a interpretação fixa, de acordo com a circunstância, aquilo que emprestará a este “real” uma forma, que é uma configuração em detrimento de outras, considerando-se que o próprio real é nele mesmo expressão de uma configuração de forças. Assim, a interpretação comanda, estima, valora, atribuindo, entre as inúmeras possibilidades, um modo de realização do real conforme o interesse, a circunstância, como num arranjo provisório de sentido que ordena ou reúne a multiplicidade de tudo o que há na abertura de possíveis e múltiplos arranjos, e a partir dos

¹⁶ Ibid., p. 53.

¹⁷ NIETZSCHE, F. **A Vontade de Poder**, (485), p. 261.

¹⁸ Ibid., (462), p. 249.

quais concorrem, para sua efetividade, ‘nossos’ ímpetos, nosso ânimo, nosso humor ou disposição.¹⁹ Esta síntese que reduz a multiplicidade dos possíveis e que permite que o real se configure é a própria perspectiva; em outras palavras, o visto e aquele que vê são constituídos desde uma perspectiva, que configura, por um arranjo qualquer, tudo o que há. Tais arranjos conferem e agenciam uma unidade relativa à multiplicidade que jaz a todo modo de aparecer. Assim, a síntese, como unidade na multiplicidade, opera-se a partir de uma circunstância que comanda e cria perspectivamente a configuração de realização da realidade em dada situação, por isso ela jamais pode ser incondicionada ou abarcar a totalidade absoluta do real, mas apenas tornar visível aquilo que se mostra conjunturalmente, dando àqueles que participam desta síntese perspectivista uma relativa consistência.

“Que as coisas tenham uma *constituição em si*, completamente abstraída da interpretação e da subjetividade, é uma *hipótese inteiramente ociosa*: seria pressupor que o *interpretar* e o *ser sujeito não* sejam essenciais, que uma coisa desligada de todas as relações ainda seja coisa.”²⁰

Do que foi dito até aqui conclui-se que, para Nietzsche, a disjunção entre sujeito e objeto é já uma fabulação, uma falsificação do que se dá em constantes relações de forças em permanente luta. São estas forças que formam arranjos temporários estabelecendo formas momentâneas, com duração limitada. Por isso, não há um ente imutável desligado de um modo de aparecer; não há um sujeito ‘em si’ em face de um ‘objeto em si’; não há uma causa afastada da efetivação; não há uma verdade ‘em si’ apartada do erro; ou um mundo como unidade anterior ou além daquele no qual sempre ‘estamos e somos’; nem tampouco um ‘sentido em si’ para fora de uma afecção que é a própria interpretação (ou perspectiva), articulada e articuladora de um processo em permanente devir. Portanto, nada é incondicionado, nada é ‘em si’, neutro ou desinteressado, porém configurações situadas e a partir das quais se exercem e se criam centros de força mutáveis que possibilitam ‘pontos de vista’; centros de onde se irradia uma infinidade de perspectivas em permanente mutação e com inesgotáveis formas de arranjos e onde “cada centro de força – e não somente o homem -

¹⁹ “A nós nos chega à consciência apenas as últimas cenas de conciliação e ajuste de contas desse longo processo, e por isso achamos que *intelligere* é algo conciliatório, justo, bom, essencialmente contrário aos impulsos; enquanto é apenas *uma certa relação dos impulsos entre si*.” NIETZSCHE, F. **Gaia Ciência**, Livro IV, 333, p. 220.

²⁰ NIETZSCHE, F. **A Vontade de Poder**, (560), p.292.

constrói a partir de si todo o mundo restante”²¹, sendo que “toda ‘coisa’ se dá sempre já em relação.”²²

Portanto, imobilidade, perfectibilidade, incondicionalidade (verdadeiro ser) opondo-se à aparência imanente e movente de tudo que há não passa de uma ilusão metafísica, posto que por detrás do aparecer não há nada. O aparecer não é cópia imperfeita do que subjaz ; não é uma configuração enfraquecida de algo inscrito na ordem do mundo, um reflexo ou representação mental de um fato ‘em si mesmo’ que permaneceria profundo e isolado de nossas necessidades e interpretações. Ele é antes um processo constante de manifestação, irrupção, acontecimento em que somos tomados pelo próprio acontecer. Desse modo, não há um Ser para além da Aparência, pois no fluxo plástico do aparecer é que se dá o mundo, ou seja, em sua superfície e que nada encontra sob si que outra superfície *ad infinitum*. Assim, pretender um outro mundo (e ainda melhor, mais verdadeiro) é vingar-se da vida; é não assumi-la como se oferece, “pois toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivístico e do erro.”²³ Contra isso, tal pretensão é evadir-se da possibilidade existencial que se abre como criação, admitida a existência como verbo, abertura, interesse, perspectiva, uma vez que o mundo nunca nos é dado mas sim algo a ser criado; na medida que nós mesmos somos artistas de nós mesmos, seres capazes de criar sentidos, de nos reinventarmos em permanência.

IV.

A fim de concluir esta exposição, cito o fragmento 481 de *A Vontade de Poder*:

“Contra o positivismo, que fica no fenômeno ‘só há fatos’, eu diria: não, justamente não há fatos, só interpretações [*Interpretationem*]. Não podemos verificar nenhum fato ‘em si’: talvez seja um absurdo querer tal coisa. // “Tudo é *subjetivo*, dizeis: mas já isso é *interpretação* [*Auslegung*]. O “sujeito” não é nada de dado, mas sim algo a mais inventado, posto por trás. É afinal necessário pôr o intérprete por trás da interpretação? Isso já é poesia, hipótese. // Tanto quanto a palavra ‘conhecimento’ tem sentido, o mundo é *conhecível*: mas ele é *interpretável* de outra maneira, ele não tem nenhum sentido atrás de si, mas sim inúmeros sentidos. ‘Perspectivismo’. // Nossas necessidades são *quem interpreta* [*auslegen*] o mundo; nossas pulsões e seus prós e contras. Cada pulsão é uma espécie de ambição despótica [*Herrschaft*],

²¹ Ibid., (636), p. 325.

²² FOGEL, Gilvan., **Conhecer é criar**, p. 90.

²³ NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia**, p. 17.

cada uma tem a sua perspectiva, perspectiva que a pulsão gostaria de impor como norma para todas as outras pulsões.”²⁴

Pelo exposto depreende-se fundamentalmente que toda realidade só se dá de modo perspectivista; que nada há senão através de uma perspectiva. E como toda a realidade se apresenta desde uma perspectiva, seria um absurdo pretender admiti-la como uma configuração unitária ou perene; ao contrário, o cerne do pensamento perspectivista de Nietzsche está intimamente relacionado à inesgotabilidade das interpretações, porquanto esta pressupõe a inexistência de um fundamento para além da perspectiva. O fato de uma interpretação vigorar de modo superior a outra decorre de nossas apreciações de valor mais antigas, sedimentadas em nossa herança histórica comum. No entanto, estamos sempre abertos à possibilidade, que é a nossa liberdade inscrita no tempo, para criar novos horizontes, novos valores. “Que ele [o homem] tenha sucesso é a prova de que um gênero de interpretação (embora sempre em construção) também teve sucesso, que o sistema de interpretação não mudou.”²⁵

BIBLIOGRAFIA

FOGEL, Gilvan. **Conhecer é Criar**. Um Ensaio a partir de F. Nietzsche. 2ª ed. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2005.

HAAR, Michel. **Nietzsche et la métaphysique**. Paris : Éditions Gallimard, 1993.

HEIDEGGER, M. “*De l’essence de la vérité*”; trad. para o francês de Alphonse de Waelhens e Walter Biemel, in **Questions I et II**, Paris : Éditions Gallimard, 1968.

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. trad. João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**; trad. Oswaldo Giacoia Junior. São Paulo : Annablume, 1997.

²⁴ Id., **A Vontade de Poder**, (481), p. 260.

²⁵ Ibid., **A Vontade de Poder**, (678), p.343.

- NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**; trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **A Vontade de Poder**; trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- _____. **Humano Demasiadamente Humano**; trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Obras Incompletas**; trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 3ª ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983.
- _____. Introdução Teorética sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extramoral. In: **O Livro do Filósofo**. 6ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- _____. **O Nascimento da Tragédia**. trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.